

## TEORIAS CANADENSES DA AUTOFICÇÃO NA OBRA DE ESCRITORES BRASILEIROS: UMA INTERFACE TEÓRICO-FICCIONAL

Caroline de Almeida Delgado  
Kelley Baptista Duarte  
Fundação Universidade Federal do Rio Grande

### **Apresentação**

A autoficção é uma tendência contemporânea da escrita do eu. Em suas primeiras teorizações, o termo foi definido como uma evolução do clássico modelo autobiográfico instaurado por Philippe Lejeune. Atualmente, a autoficção tem sido repensada e estudada por críticos literários do Canadá francófono e praticada por escritores da migração e da mobilidade cultural, porém muito pouco estudada no Brasil. Diante das limitações desse estudo em território nacional, a autoficção foi tema da tese de doutoramento da professora Kelley B. Duarte (FURG), cuja defesa é datada em 2010. Na extensão de seus estudos, a professora lança, no ano seguinte, um projeto de pesquisa em nível de graduação para estudar a autoficção em obras de escritores brasileiros. Aprovado pelo CNPq em junho de 2011, o projeto intitulado *Autoficção e variações (auto)biografias: tendências contemporâneas da escrita do eu*, objetiva, nesta primeira etapa, fazer um rastreamento de obras de autores brasileiros que contam suas vidas de forma camuflada. Ora projetada em personagens fictícios, ora mesclada em crônicas e/ou romances; seja para registrar o passado desejado, selecionando fragmentos de vida que se quer lembrar, seja para resgatar passagens traumáticas na forma de autoanálise textual.

A proposta deste trabalho é apresentar brevemente o referido projeto de pesquisa e seus primeiros resultados. A pesquisa é coordenada pela professora Kelley B. Duarte que vem acompanhando tais teorias canadenses desde sua formação de mestrado e doutorado. O projeto objetiva um levantamento de obras ficcionais de escritores brasileiros que serão estudadas a partir das reflexões sobre autoficção propostas por teóricos canadenses. Sendo assim, o presente artigo, que resume a apresentação feita no XI Congresso Internacional da ABECAN, aponta as principais teorias destacadas na pesquisa e que remetem a três estudiosos canadenses de renome: Madeleine Ouellette-Michalska, Simon Harel e Régine Robin. A interpretação que cada um deles apresenta sobre essa nova tendência da narrativa do eu comprova que a autoficção é reflexo das múltiplas influências da mobilidade da vida contemporânea. O sujeito que se escreve e se inscreve na literatura acaba por apropriar-se de espaços variados para expor sua vida e narrá-la de forma explícita ou camuflada, respeitando a verdade dos fatos ou

alimentando-se do ficcional. O escritor que pratica a autoficção pode encontrar em seu texto o espaço para revisitar sua vida em retrospectiva. Ele ainda pode recuperar apenas fragmentos de um passado que precisa ser registrado para não ser esquecido ou ainda, para ser curado; superado no espaço do texto-divã. É o que S. Harel define como escrita reparadora. De um modo geral, a pesquisa que propomos apresentar, se tornará válida na medida em que a investigação de obras de escritores brasileiros forem exemplares das teorias da autoficção na perspectiva dos teóricos canadenses anteriormente citados. Sendo assim, essa proximidade entre teorias canadenses e obras ficcionais brasileiras contribuirá para fortalecer as relações bilaterais entre esses dois países.

Este artigo vai apresentar resumidamente o romance de Carlos Heitor Cony “Quase-Memória Quase-Romance (1998), considerando que este é o primeiro romance que selecionado para compor o conjunto de obras de ficção. Para tanto, ele será relacionado com as teorias dos três teóricos já mencionados. Considerando as diferentes leituras que cada teórico faz sobre a autoficção, visto que ela nada mais é do que reflexo das múltiplas influências da mobilidade da vida contemporânea, a proximidade das teorias com a obra permitirá identificar em qual vertente autoficcional o romance do escritor brasileiro melhor se enquadrar.

### **Desenvolvimento**

Os primeiros estudos da autoficção surgem do clássico gênero da escrita íntima. Foi partindo das teorias da autobiografia de Philippe Lejeune (1975) que as primeiras inquietações sobre o modelo passam a ser lançadas. Serge Dubrovsky, na obra “Fils” (1977), instaura o novo termo para pensar as limitações que a proposta lejeuniana apresentava. Diante de uma estrutura genérica fechada e limitada, S. Dubrovsky mostra que é possível escrever sobre si, em obra romanesca, valendo-se de um personagem de ficção.

De um modo geral, encobrir a identidade real serve também para revelar fatos marcantes da vida, situações que só se revelaria em confessionário ou terapia. Por isso, S. Harel acredita ser a autoficção o espaço do divã. O texto serve de autoanálise por estabelecer um jogo entre analista (autor) e analisado (personagem). Para M. Ouellette-Michalska a autoficção é a uma tendência da escrita feminina que, por sua vez, apropria-se de um espaço literário anteriormente patriarcal. Ela afirma que a autoficção está na essência da pós-modernidade e com isso é associada também às vozes femininas que emergem na literatura. Já R. Robin define a autoficção como escrita híbrida que mistura diferentes gêneros e que, por tal razão, caracteriza-se pelo apagamento das fronteiras do

saber. Esta autora e teórica é lingüista, socióloga, literata e romancista, e acredita, que, no texto literário, não há como ser imparcial ou neutro, pois sempre os diversos saberes acabam por nele refletir. R. Robin também critica as nomenclaturas que acabam por limitar as obras nas estantes de livrarias. Um exemplo disso é sua própria obra “Le cheval Blanc” (1979), que ora pode ser lida como romance histórico, teoria literária ou até mesmo servir ao campo da sociologia.

A autoficção é uma tentativa de escrita do eu e do outro, pois recompõe fragmentos de histórias do “eu” que se escreve juntamente com histórias alheias, sejam elas de familiares ou mesmo de desconhecidos. O autor autoficcional, ao inserir a vida do outro na relação com a sua história de vida reconhece textualmente a contribuição dessas histórias paralelas na formação da sua história e do seu “eu”.

A obra escolhida em primeiro momento foi *Quase-Memória; Quase Romance*, de C. H. Cony. Nela o autor-jornalista tem como personagem principal seu pai, contando o “desenrolar” das lembranças a partir de um embrulho enviado pelo seu pai morto. É esse embrulho, constantemente mencionado na narrativa, que desencadeia o relato das lembranças e das experiências de vida, tais como a infância marcada fortemente pela presença do pai.

Nota-se que a obra, já em suas primeiras linhas, não se enquadra nos parâmetros da autobiografia, pois como definiu Ph. Lejeune, o autobiógrafo fala de si mesmo sem dar destaque ao outro. Ele é o centro da obra. Na presente obra, não há figura central no momento em que três elementos se destacam como confluência dessa narrativa. São eles: Cony, na condição de personagem narrador; o pai como personagem de destaque e o embrulho que ao mesmo tempo remete ao pai e ocupa um espaço significativo dentro do romance, que leva ao leitor somente nas últimas páginas desvendar o mistério do que continha tal embrulho, suspense o qual denuncia o cunho jornalístico presente na obra.

No romance de H. Cony, percebe-se as características da autoficção propostas por R. Robin e Simon Harel. A produção de Cony por se tornar difícil de ser classificada, aproxima-se das teorias robinianas de que a autoficção é reveladora de um texto híbrido e de múltiplas confluências de gêneros. *Quase memória* ora é romance, ora é relato biográfico com fortes marcas autobiográficas, mas também é um texto com todo estilo de crônica jornalística. Importante destacar que essa produção de Cony traz como pano de fundo um contexto sócio-histórico dos anos 30, no governo de Getúlio Vargas. Cabe também lembrar que, para R. Robin, a obra autoficcional contemporânea torna-se difícil de ser definida ou normatizada. Catalogar uma obra literária hoje, para ela, é limitá-la, pois

não existe um gênero fechado, considerando que a marca pós-moderna é o apagamento das fronteiras do saber. O autor está em uma encruzilhada de saberes e estes caminhos acabam por influenciar em suas obras. Carlos H. Cony é um exemplo disso. O escritor que foi seminarista e ainda exerce o jornalismo, mescla diferentes informações e aspectos culturais na recuperação de suas experiências. Todos esses elementos acabam convergindo no texto literário. Portanto, definir *Quase-Memória*, *Quase-Romance* apenas como um livro de romance seria fechá-lo em um único modelo. Eis que a autoficção permite essa abertura ao diverso, às múltiplas confluências encontradas em uma narrativa do eu.

O relato da sua infância – e principalmente a relação que H. Cony tinha com o pai, mesclando ora o pai herói ora o pai que o fazia passar por certos vexames –, traça um diálogo com o leitor que, certamente se identificará na relação “pai e filho” apresentada na obra. Ao mesmo tempo, a obra e seu forte apelo à verdade dos fatos, cria uma atmosfera de dúvidas quanto à veracidade de certos fatos, como por exemplo o episódio que narra a promoção que seu pai ganha mesmo cometendo um erro grave de publicação no jornal (1998: 63).

Kelley B. Duarte (2010), quando destaca as teorias de Madeleine Ouellette-Michalska em sua tese, comunga da opinião que todo ato de escritura é criador, mesmo quando faz referência à memória, ou seja, a fatos reais. Isso porque, para a canadense, “a escritura é largamente influenciada pelo imaginário e tem tendência a esquecer ou a modificar aquilo que registra” (2010: 88). Essa passagem ajudaria a melhor entender os relatos de C. H. Cony sobre o pai, visto que a memória além de ser traiçoeira, pode sim levar-nos a acrescentar fatos de nosso imaginário, mesmo que involuntariamente.

### **Primeiros resultados**

É de se considerar, mais uma vez, que a obra de C.H. Cony, desde suas primeiras linhas, evidencia a não classificação no modelo autobiográfico. Na abertura, é o próprio autor quem explica ao leitor a utilização da palavra “quase” na construção do título. Para isso, ele se vale de sua definição da “Teoria Geral do Quase”. É C.H. Cony quem diz:

Prefiro classificá-lo como “quase-romance” – que de fato o é. Além da linguagem, os personagens reais e irreais se misturam, improvavelmente, e, para piorar, alguns deles com os próprios nomes do registro civil. Uns e outros fictícios.”(p. 7, 1998).

Em dessintonia com a proposta, Fernanda C. S. Rodrigues, em dissertação (PPG Letras 2011- FURG), selecionou a mesma obra como objeto de estudo, analisa o romance nos parâmetros autobiográficos, biográficos, sem apontá-lo como autoficção. Ao

deixar de lado as novas tendências da escrita do eu, a mestranda opta por privilegiar as teorias canônicas da autobiografia, mesmo admitindo, em alguns momentos, a impossibilidade de classificar o romance. É ela quem diz:

“Esse é o universo do quase, onde não se pode classificar a obra exclusivamente em uma dessas categorias, mas também não pode excluí-las de nenhuma delas ao analisá-la.” (2011: 84).

C. H. Cony acaba usando o texto como espaço para se autoanalisar. Vê-se claramente na obra o Cony do presente dialogando com o Cony do passado; em meio à atmosfera lúdica criada pelo pai, misturada à realidade atual do escritor-jornalista. A definição de autoficção por S. Harel como a escrita do divã, ou a escrita reparadora, pode ser relacionada à *Quase-Memória; Quase-Romance*. Cony, quando escreve sobre o pai, tenta buscar a identidade paterna para reconstruir a sua própria identidade. Outra relação importante estabelecida com a obra de Cony é o mistério em volta do embrulho narrado na obra. A maioria dos capítulos acabam sendo introduzidos com o relato da misteriosa encomenda enviada supostamente pelo seu pai. Ao dar ênfase ao mistério do embrulho, o escritor recupera o cunho jornalístico de sua profissão. O romance expande-se em diferentes áreas do saber de domínio do autor.

Ao finalizar essa breve apresentação, percebe-se que a relação entre as teorias de escritores canadenses Régine Robin e Simon Harel e a obra de C. H. Cony fortalecem a proposta de investigação de obras brasileiras que, muito antes de se tentar teorizar, já caracterizavam autoficção. C. H. Cony e seu universo do “quase” são a prova de que autoficção é a tendência genérica mais apropriada para se pensar produções que estão nesse interstício textual; um espaço aberto e sem fronteiras que revela não só a abertura multicultural do autor, mas principalmente o olhar extenso do leitor contemporâneo.

#### Referências

- BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*, Porto Alegre: Literatis, 2010.
- CONY, Carlos Heitor. *Quase-Memória; Quase Romance*. São Paulo: Cia Letras, 1995
- DUARTE, Kelley Baptista. *A escrita autoficcional de Régine Robin: mobilidade e desvios no registro da memória*. Tese de doutorado apresentada ao PPG Letras UFRGS, Porto Alegre: 2010.
- HAREL, Simon. *L'écriture réparatrice. Le défaut autobiographique*. Montréal: XYZ éditeur, 1992
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Pour l'autobiographie*. Paris: Seuil, 1998.
- RODRIGUES, Fernanda Carvalho dos Santos. *Rastros – Aspectos deixados por Carlos Heitor Cony em Quase Memória*. Dissertação apresentado ao PPG Letras FURG: 2011.

**Palavras Chave:** autoficção; teorias canadenses; escritores brasileiros.

